

ACELERAÇÃO, SIMULTANEIDADE, GLOBALIZAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA NO FIM DO SÉCULO: SEUS EFEITOS PSÍQUICOS

José Cukier*, Buenos Aires

O autor justifica metapsicologicamente alguns dos males sociais de nossa época. O vazio interior, a desconsideração nas relações humanas, a aceleração do viver diário, a drogadição, entre outros. Desenvolve a relação entre os vínculos familiares simbióticos, a ausência materna e a falta da função paterna na organização psíquica da criança, estimulada pelas novas formas de trabalho que privilegiam a eficiência e advêm em acúmulo pulsional, falta de matiz afetivo e indiscriminação na constituição da sensorialidade. Aborda o problema da identificação primária e a vinculação entre a falência da mesma com os vínculos de ter sobre os de ser, o problema da quantidade pulsional não tramitada, a aceleração e a indiscriminação na constituição do tempo. Postula que as situações de mudança se acompanham de violência como expressão da sufocação pulsional necessária, para alcançar novas complexidades e a necessidade de aceitar a fecundação pelos novos pensamentos.

Introdução

“O grande problema cultural de nosso tempo é a despersonalização da vida humana. Hoje o homem está submetido a poderes cada vez mais anônimos, cada vez mais desumanizados. é necessário voltar a uma cultura orientada para a busca do rosto pessoal. Somente onde há rosto há responsabilidade” (Olegario Gonzales de Cardenal). Nesta comunicação tentarei dar conta da metapsicologia de algumas configurações próprias de nossa época, produto da globalização e da quase simultaneidade das comunicações, e que incidem na constituição do psiquismo de cada um. O vazio interior, as patologias psicossomáticas, a aceleração do viver cotidiano, o alheamento no trabalho, a drogadição, o mau trato corporal, o uso especulativo do próximo e a entronização do dinheiro, a violação do humano em geral, a perda e a tergiversação dos valores humanamente desejáveis – e a enumeração poderia continuar – aparecem como os males do nosso século. Na nova condição cultural, predomina a imagem sobre a cultura letrada, o imediatismo sobre a memória, a reflexão e a elaboração, a experiência sobre a razão, a incerteza sobre as certezas. Nos psiquismos individuais influi a cultura e, a partir desta, a ideologia dominante. Mas esta afirmação é válida, se temos em conta que a eficácia depende não só do social, mas do processamento intrapsíquico. As relações interpessoais têm como meta principal processar a realidade pulsional e só secundariamente obedecer às exigências da realidade externa e do superego. é evidente a importância do discurso do contexto; mas existem no psiquismo operações de produção de significado que têm orientações necessárias, que estão além da contingência vivencial, a partir de uma lógica que reordena o percebido. As relações, então, não são nem em sentido único, nem de moldar-se, nem de causalidade circular ou de influxo recíproco. São de um sentido complexo, em que cada uma gera a sua exterioridade seguindo as leis do psiquismo. Os estímulos, as vivências acidentais, são eficazes, se articuladas com a individualidade dos processos pulsionais e a necessidade do esforço psíquico que conduz à autoconstrução de processos anímicos (Freud, 1915e, 1923b). Nossa “aldeia global” é regida pelo critério da simultaneidade. As noções de tempo, velocidade e espaço, por obra das comunicações modernas, foram reduzidas a um extremo tal, que domina o critério mágico de que “se pensa, se deseja e se tem”. Este tipo de lógica opera com o critério da simultaneidade correspondente ao auto-erotismo e só tem vigência nos processos de pensamento, nos quais o desejo e a satisfação alucinatória são simultâneos.

Algumas noções prévias para esclarecer o campo

O problema da quantidade

O aumento da quantidade pulsional e/ou de estímulos exteriores não tramitados impede a discriminação de matizes e qualidade, o ritmo vertiginoso é intoxicante para o psiquismo. Freud (1926d) diz que, na infância, são característicos o desvalimento motor e psíquico. Ante a situação traumática, frente à qual o ego está desvalido, coincidem o perigo externo e o interno. Aqui se liga desvalimento com situação traumática, seja pelo fato de o ego vivenciar, em um caso, uma dor, por acumulação de quantidade que não cessa, ou, em outro, uma estase de necessidade que não pode encontrar satisfação. A situação econômica é, em ambos, a mesma. O desvalimento motor encontra sua expressão no desvalimento psíquico. Quando ocorre estancamento, com restos da pulsão não ligada, nem descarregada, o ego, passivo ante a pulsão, padece afetos automáticos e não desenvolve matizes. Não há projeção, nem objeto, nem circunstância que sejam investidos. Neste caso, um fragmento do próprio corpo sempre presente, se presta para a afecção somática. Quando grandes quantidades de excitação irrompem no aparato psíquico e a quantidade supera a possibilidade de ligação, fica abolida a consciência. Para que surja a vivência, a tensão que irrompe deve ser suportável. Certamente que gritar implica uma tendência expulsiva que tende a aliviar o aparato mental, mas a dor produzida pela irrupção, ainda que não sentida pela falta de matiz, é anterior. A libido narcisista se desprende em um esforço por realizar um contra-investimento, que ocorre automaticamente e conduz a um empobrecimento pulsional global. Freud substitui o conceito de “descarga interna” pelo de “hemorragia interna”, que alude a um estado de passividade e de inércia do ego real primitivo. A energia de reserva que se perde é energia do ego destinada à realização de ações específicas. As perturbações nas pulsões de autoconservação derivam de uma tentativa de defesa ante uma ferida narcisista. Devido à hemorragia de autoconservação, a capacidade desintoxicante e trófica vai sendo desgastada. A quantidade termina por arrasar a possibilidade de comunicação verdadeira e consolidação de vínculos, devido à urgente necessidade de descarga de cada um. Com a quantidade, as pessoas perdem individualidade e tornam-se somente números.

Breves reflexões sobre o tema do número

Nas origens da cultura, o número é logicamente anterior à letra. Na história da escrita, o número foi empregado sucessivamente de duas maneiras: primeiro, para expressar quantidades e, logo, para datar, caso em que se privilegia a função da história de certos indivíduos e grupos. Este segundo uso do número inclui a temporalidade e a identificação. Na medida em que, em nossa cultura atual, os números são usados com fins contábeis e não de identificação, as relações tendem a transformar os outros em números sem nome na memória alheia. Perdem-se os nomes e com isso a possibilidade de ter-se acesso a uma identidade. As relações são somente, em sua maioria, “contatos”. Circula-se de um espaço a outro, estabelecendo “conexões”. Espaços e tempos regidos por frequências, números, ritmos, interesses e ganhos. Os vínculos regredem a vínculos narcisistas em que o próximo costuma ser manipulado como auxiliar (Freud, 1921c). As relações não são de “ser como” (identificar-se com o ideal), mas de “ter e usar a” (vínculo possessivo e de desconsideração). Em tais regressões e vínculos, evidencia-se a eficácia da

pulsão de morte.

O problema da aceleração temporal

O tema da temporalidade teve múltiplas alusões em Freud: a relação entre filo e ontogenia, a teoria da fixação pulsional, a regressão pulsional e do ego, a vinculação entre repetição e lembrança, a temporalidade inferida na construção, as fases da evolução libidinal, a estratificação sucessiva das imagens mnêmicas, a articulação na fantasia entre passado, presente e futuro. Freud, na carta de 6 de dezembro de 1896 a Fliess, fala-lhe da estratificação dos rastros mnêmicos, que experimentam uma reordenação como uma forma de transcrição. Freud (1900 a) refere-se à articulação das imagens por simultaneidade (passividade e atividade), analogia e causalidade. O critério de simultaneidade implica não só um enlace de imagens mnêmicas, mas uma forma de tramitar a necessidade urgente de descarga pulsional. A inscrição lógica por simultaneidade significa uma organização no tempo, com uma sincronia comandada pelo aparato psíquico e originada na vivência de satisfação. Há simultaneidade entre desejo e satisfação, indiscriminação entre objeto, contexto e sujeito. Acompanha-se de uma inversão da causalidade, que implica atribuir como causa do interno o externo. Isto tem como requisito necessário a projeção. Freud (1916 a) refere-se à qualidade do transitório. Diz que o valor do belo depende do esgotamento para sempre da beleza da face humana. O que dá valor às coisas é o caráter evanescente no tempo. Em “O Ego e o Id” (1923b), assumia que Eros, por oposição à pulsão de morte, tem por fim complicar a vida e, na página 41 da S.E., diz que “[...] a pulsão de destruição é sincronizada segundo regras, para fins da descarga, a serviço de Eros [...]”. Em “Uma nota sobre o bloco mágico” (1925 a), supõe que o funcionamento descontínuo da percepção constitui a base da idéia de tempo. Em “Três ensaios...” (1950d), refere-se ao puxar rítmico do lobo da orelha, ou o mamar rítmico e que, para a produção de uma sensação prazerosa, interessa a qualidade do estímulo, particularidade na qual está contido o fator sexual. Em “Além do Princípio...” (1920g, p.63 da S.E.), “[...] a série prazer-desprazer aponta a mudança de dimensões de investimento dentro da metade do tempo [...]”. No “Projeto de uma psicologia...” (1950 a [1887-1902]), postula que, com um certo investimento, mostram um ótimo para receber o período. Em “O problema econômico do masoquismo” (1924c, p.155, da S.E.), relembra que o prazer e o desprazer não podem ser referidos ao aumento ou redução de uma quantidade, mas que talvez seja o ritmo o ciclo temporal das alterações “[...]”. A descontinuidade é fundamental na produção anímica do tempo e advém do movimento pulsional de investimento periódico e desinvestimento posterior. Com o investimento surge a consciência, e a consciência desaparece quando o investimento se interrompe. Dinamicamente, então, o fluxo e refluxo libidinal, que geram a descontinuidade, precisam de dois lugares diferentes, como pré-requisito, por exemplo, a tensão advinda das relações intercelulares. Assim, a complexidade estrutural preserva a célula da morte tóxica em seu próprios dejetos e estimula a complexidade, que deriva em tensão, que deriva em fluxo, que deriva em ciclo, que marca o tempo. Quando aumenta a quantidade do fluxo por tramitação insuficiente da mesma, o ritmo acelera-se, e, com isto, deixam de marcar-se as diferenças de tempo, quer dizer, a descontinuidade fundamental. Sobrevêm o estancamento, a intoxicação pulsional, a falta de ligação psíquica e a descarga. Na consciência há um registro duplo, o pulsional como afeto e o registro mundano como impressão sensorial. Na constituição intrapsíquica do tempo, é importante a velocidade. A velocidade e suas diferenças geram a passagem da lógica da simultaneidade à analogia, em que impera a palavra. A aceleração dos ritmos produz o encurtamento dos ciclos, o aplanamento e a diminuição do espaço temporal entre estes, com o que “tudo é igual”. Acompanha-se de sentimentos de tédio, fastio, que procuram como paliativo “o ter” diverso e acelerado. Os objetos mundanos são rapidamente expulsos sem serem desfrutados e transformados em dejetos, semelhante ao gerado pelo acúmulo pulsional. A autopercepção da aceleração cria a sensação relativa de que as coisas passam de forma mais lenta em relação ao próprio tempo, com sentimentos de impaciência. A menor capacidade de ligar a pulsão por falta de introjeção do cuidador original provoca o acúmulo e a intoxicação que estimula a descarga, e esta potencializa a já produzida por perda do ritmo. A exterioridade molda o conflito interior, e hoje tudo é bom se é instantâneo. Usa-se, joga-se fora e acumula-se lixo, comprometendo-se a ecologia. Realidade externa e interna coincidem. A ecologia e a economia intrapsíquica estão oprimidas por dejetos não processados que têm efeitos tóxicos.

Efeitos individuais da globalização

A família hoje. Vínculos interindividuais. Organização psíquica.

Matiz afetivo. Sentimento de si.

Na instituição familiar é possível observar-se o resultado dos esforços intrapsíquicos e interindividuais para processar as triplas exigências: as instintivas, as da realidade e as derivadas das tradições. Naquelas situações em que claudica a possibilidade de tramitar as exigências pulsionais por déficit ou ausência materna, estas, segundo as hipóteses freudianas, tornam-se tóxicas. O verdadeiramente tóxico é a pulsão, e isto ocorre quando o ego inerme ante ela não pode manejá-la nem de forma motora, nem psíquica (Freud, 1895b, 1898a, 1912f). Quando ocorrem estes estancamentos libidinais, surgem afetos transbordantes cuja angústia automática Freud descreveu (1926d). Em todos eles prevalece a mesma característica: a magnitude dos processos pulsionais estancados é de tal ordem, que transborda a possibilidade de que a consciência registre os estados afetivos correspondentes. Ocorrem emoções cuja intensidade impossibilita captar a tonalidade psíquica, as variedades de matiz (Maldavsky, D., 1990). O ego real primitivo da criança fica oprimido pela pulsão e impedido de adquirir consciência da vitalidade dos processos pulsionais e do núcleo da própria existência. A consciência inicial de sentir-se vivo fica interdita, quando quem se ocupa da criança carece de empatia ou ternura. A família é a encarregada de oferecer a sustentação para promover a fratura no id e diferenciá-lo do ego, facilitando a inscrição do matiz afetivo na consciência como conteúdo da mesma. A impossibilidade de sentir-se vivo resulta da falência nas primeiras relações objetivas. Pode-se tentar supri-las com estímulos espúrios tais como as adições, o consumo acelerado, o incremento de operações econômicas ou o trabalho crescente, sem freio. O ter é usado na forma de pseudopulsão para buscar o afeto não sentido e substituir a ausência do sentimento de ser. As funções falhas ou não surgidas, do ego real primitivo, buscam ser substituídas por drogas que podem ser classificadas segundo as funções que tentam suprir: substituição do sono (barbitúricos); manutenção do estado prazeroso basal (ansiolíticos e antidepressivos); perturbação da motricidade voluntária (cocaína); percepção e afetividade (maconha, ópio, LSD, anfetaminas). No pólo inferior da escala estão as adições ao trabalho, à honra, aos esportes, ao êxito fácil e à dor (via acidentes, por exemplo), como uma tentativa suprema de recuperar o sentimento de estar vivo. O matiz afetivo deriva da introjeção do suporte materno, e o sentimento de si é um conjunto caleidoscópico que reúne diversos matizes afetivos, produtos da identificação. Provê um bem estar básico que sustenta o sentir-se vivo, a captação da própria vitalidade e da alheia e a capacidade para estar só (Winicott, 1958). O matiz afetivo, embora seja um produto intrapsíquico, requer para sua constituição o enlace com um outro diferente, de forma que o matiz é representante do encaixe da pulsão e da realidade.

Estancamento pulsional

Freud faz uma observação: o estancamento pulsional desdobra-se habitualmente nas relações interindividuais e, em particular, em certas práticas sexuais, como o coitus interruptus ou a ejaculação precoce (Freud, op.cit.), em que um dos participantes não

alcança a consumação voluptuosa e, ao contrário, conserva um grau de tensão sexual que se torna tóxica. Tais vínculos podem estender-se às relações entre diferentes membros da família além do casal. Mantém-se o critério que Freud descreve: um dos integrantes alcança uma descarga voluptuosa, na condição de que outro conserve a tensão pulsional que se torna tóxica. São expressões desses tipos de descarga gritos, pancadas, socos, estalos bruscos de discursos evacuativos, alternando com momentos de indiferença hostil. Nestes vínculos intoxicantes entre membros de uma família, alguns têm uma função dupla: a) como lugar em que se descarrega um excesso de voluptuosidade, b) como couraça de proteção anti-estímulo. Diz Freud (1920g) que se pode considerar a neurose traumática comum como o resultado de uma extensa ruptura da proteção que defende o órgão anímico contra as excitações. Esta hipótese justifica a denominação de couraça anti-estímulo à função de um membro ou um grupo em relação a outro que se encontra transbordado. Por exemplo, um filho funciona para uma mãe como uma droga, digamos, com uma função ansiolítica que a protege. A mãe torna-se intranquilha frente à ausência de seus filhos e somente se recupera na presença desses. O filho adquire o significado de droga frente a esta mãe adita, a qual, por sua vez, pode-se constituir como modelo de identificação de tipo aditivo. Costuma-se afirmar, com razão, que, no começo da vida pós-natal, para o recém-nascido, a mãe cumpre duas funções anteriormente citadas: de escudo e de lugar para a descarga de um excesso pulsional. Logo ocorre uma progressiva aquisição de tais funções pelo ego infantil e simultaneamente uma maior diferenciação desta diade interindividual.

Função paterna

A ausência de uma função paterna conspira contra tal diferenciação. Nossa cultura estimula esta ausência com a falsa promessa de "pertencer" e alcançar metas impossíveis de satisfazer. Ante a falta do terceiro que imponha a separação, mãe e filho continuam operando com o suposto de uma unicidade orgânica, mas, além disso, com funções invertidas, e o filho é tomado por sua mãe como lugar para a descarga de seus processos tóxicos. Nessas famílias parte-se de um suposto: pertencer à mesma confere o direito de tomar o corpo do outro como próprio, segundo se evidencia, por exemplo, nas situações de maus-tratos infantis. O filho, e, em particular, seu corpo, não constitui um bem social, senão um patrimônio pessoal, sobre o qual é possível operar segundo se queira. A falta de uma função paterna reordenadora é substituída pelo despotismo. A ausência permite a manutenção de uma simbiose patológica prévia. Esta constelação permite a confusão e um enlace narcisista entre os membros do grupo que opera como defesa contra o reconhecimento das perdas. A constelação psíquica dominante privilegia o narcisismo e rechaça uma lei que regule os vínculos imediatos, com uma característica específica quando predominam os processos tóxicos. Esta característica singular que rege a indiferenciação pode ser enunciada com a seguinte frase: "Carne da minha carne, sangue do meu sangue" (Maldavsky, DD., 1991a).

O corpo nas patologias psicossomáticas. Os ritmos

Quando Freud analisa o corpo como fonte pulsional, formula um critério de decomposição em partículas. Estas estabelecem entre si vínculos baseados na existência de elementos comuns e diferenças específicas. Portanto, a união entre tais partículas cria uma tensão oposta à pulsão de morte. Neste nível, o encontro com o diferente preserva do aniquilamento, porque, se tais partículas vivem rodeadas por seus próprios dejetos, morrem irremediavelmente em um processo tóxico. Somente pode-se conservar a vida, se esta transcorre entre produtos secretados por partículas diferentes. Freud conjecturava que também era necessária uma couraça de proteção ante os estímulos externos ao corpo e também a possibilidade de expulsar para fora do organismo aquelas excreções que no interior se tornaram tóxicas, para logo interpor ante elas a mencionada couraça. Poderíamos dizer que, se falha o critério expulsivo ou a couraça anti-estímulo, um setor do organismo passa a funcionar como depósito potencialmente explosivo das toxinas em geral. Em determinados momentos de um grupo, opera-se uma lógica em que os vários integrantes constituem partes de um único corpo, como se estivessem todos unidos por um cordão umbilical, e um dos integrantes ou vários alternadamente ocuparão o lugar de couraça ou o lugar em que ocorre a descarga. O agente graças a quem se consegue sustentar este critério está constituído por um erotismo despertado com exagero. Este, em vez de investir a exterioridade, pode tomar o corpo como objeto. Pode-se pensar que, em cada aparato psíquico, existe um momento primordial em que o ego ainda não se desprende do id e em que a libido investe os órgãos e logo emigra para as zonas erógenas. Quando, em um movimento regressivo, toma o corpo como objeto, a exterioridade que lhe corresponde é de natureza rítmica. A esta importa não a qualidade do estímulo senão a frequência, a captação de ritmos indica a indiscriminação inicial. Vai sendo produzida uma articulação entre ritmo, número, ganho, típica de doentes psicossomáticos de quem se diz que "fazem números" como uma tentativa de recuperar seu próprio ritmo. O ganho que obtêm, costumam pagá-lo com saúde (com uma "libra de carne") e, na busca desse plus de ganho ("mais valia"), o preço é a saúde. Em tais ocasiões muito arcaicas do desenvolvimento libidinal, certas atitudes familiares, intrusivas ou de abandono, promovem o mesmo efeito: despertam grandes intensidades voluptuosas, em lugar de registros sensoriais da exterioridade. Quando acontecem estes processos sensuais exagerados, a erogeneidade não se liga à sensorialidade, mas investe órgãos e funções corporais (ponto de fixação de afecções psicossomáticas e adições). Estes, por oposição à sensorialidade, nunca se ausentam, motivo pelo qual a voluptuosidade pode não ter limite. A falta de limite determina a dificuldade para gerar espaços mentais onde se desenvolvam a fantasia, o pensamento e, com isto, a possibilidade de gerar projetos. Predomina o critério da instantaneidade, a satisfação imediata com incremento da quantidade, que gera, dada a urgência de descarga, a impossibilidade de estabelecer vínculos duradouros. A libido pode ser descarregada através de crises convulsivas, pancadas, violência indiscriminada; pode buscar fixar-se em objetos não frustrantes como as adições (nestas últimas, por sua vez, sustentado por modelos identificatórios, como disse anteriormente), ou buscar descarga através de situações traumáticas como os acidentes (por falta de possibilidade de simbolização). Na medida em que não se constitui uma sensorialidade investida, não podem desenvolver-se projetos exteriores à própria família, então as dimensões de tempo e espaço formam um conglomerado indiscriminado. Nestes grupos, por falta de uma função paterna reordenadora, pode-se produzir acúmulo pulsional em seus membros. A falta de limite resulta em tomar o corpo do outro como próprio (mau-trato corporal). Na interação indiscriminada, uns descarregam em outros de forma alternada, ou, às vezes, os papéis se cristalizam: um dos membros é objeto de descarga e escudo anti-estímulo para outros membros. Por sua vez, aquele pode buscar sua descarga via doença somática, acidente ou perversão.

Momento evolutivo e função falha ou abolida

Em alguns casos, existe uma coincidência marcante entre as relações interindividuais e alguma destas organizações intrapsíquicas, mas em outros casos esta diferença é grande. No entanto, ainda cabe destacar que muitas das vivências infantis só a posteriori, ao surgirem fases mais estruturadas da organização do ego, se tornam incompatíveis entre si, mas já não como vivências senão como imagens mnêmicas, e isto faz que seja impossível para o ego tanto o questionamento da contradição quanto a fuga. De fato, os paradoxos se transformam em eficazes, à medida que o pré-consciente se organiza como estrutura com suas próprias leis, quer dizer, na fase fálica, mas, sobretudo, a partir da latência e da adolescência. Na etapa anal retentiva, estabelece-se a linha divisória entre neurose e psicose (Freud, 1916,17). A analidade secundária vincula-se com o complexo do semelhante. Freud (1950 a [1887-1902]) sustenta que o ego, quando percebe, analisa e decompõe até criar um complexo (falamos de um ego correspondente à etapa anal secundária). O complexo do semelhante discrimina-o por sua comparação

com o eu e contém elementos constantes, invariáveis, que constituem o núcleo, e elementos transitórios, variáveis, que constituem o predicado. Os predicados podem ser de dois tipos: qualitativos, que se referem a estados, e funcionais, que se referem a movimentos. Pelo predicado, próximo e ego são idênticos; pelo núcleo, o outro e o eu são diferentes. Os traços são irreduzíveis aos traços do outro, assim o traço é o núcleo do eu. Quando o outro não tem núcleo diferente, predomina a identificação primária, e não se a reconhece como a um outro. Quando os predicados são idênticos, é possível a identificação total com o outro. Durante o erotismo oral, sob o predomínio dos afetos, o outro e o eu são uma massa unificada pelos predicados qualitativos. Antes da etapa anal secundária, o outro, psiquicamente, não tem status de permanência e de irrevogabilidade como logo terá. Neste período a criança é mais vulnerável à influência do meio, pode ser confundida, inoculada e transformada pelas influências que exercem o meio mediado por seus cuidadores.

O ego real primitivo, constituição e falhas

Freud (1915c, 1917d, 1923b, 1925h) considera o ego real primitivo, o ego prazer purificado, o ego real definitivo, o superego ideal do ego. O primeiro ego tem como função distinguir entre dentro e fora. O estímulo perceptual pode ser eliminado ou recuperado mediante uma ação, já o pulsional exige tramitações e ações específicas (Freud 1930a). Inicialmente é a mãe, ou a família, ou aqueles que estão encarregados do cuidado da criança, que, com empatia e ternura, funcionam como coraça anti-estímulo. Regulam com sua presença as incitações dos estímulos mundanos e qualificam os estímulos pulsionais endógenos. A ausência materna deixa o ego primitivo oprimido pela pulsão e os estímulos externos. Em consequência produz-se a abolição do matiz afetivo. Este é indispensável para estabelecer-se uma diferenciação no id e abre o caminho à separação do ego. A pulsão, carente de ser processada, não pode abrir caminho na consciência como qualidade. Somente lhe resta a descarga com critério puramente orgânico. A perturbação na constituição e no funcionamento do ego real primitivo como estrutura inibitória implica que as alterações internas não sejam regidas pelo princípio da constância, mas pelo da inércia própria da pulsão de morte. O ego da criança, majoritariamente abandonado pelo domínio de exigências culturais (ausências devidas ao trabalho para sustentar o consumismo, ou trabalho para satisfazer necessidades de subsistência, ou devido a uma distribuição injusta da riqueza, etc.), sofre de uma invasão de quantidade. A experiência, de passiva, é transformada em ativa pelo ego, mediante a agressão e a destruição (Freud, 1931b). A interferência no desenvolvimento do ego real primitivo faz-se evidente no desenvolvimento patológico dos demais egos. Então, falha no ego prazer o juízo atributivo (aquele que distingue se algo é bom ou mau, útil ou prejudicial); no ego real definitivo, o juízo de existência; e, no superego, o juízo valorativo e ético. A interferência no juízo do ego prazer impede discernir se algo está de acordo com a autoconservação ou é ameaçador à própria existência. Quando se constitui o superego, a perturbação do fragmento que discrimina prazeroso de desprazeroso culmina com a constituição de um superego sádico que impõe ao ego um gozo masoquista.

O ego individual

Em que consiste um pensamento inconsciente? A definição mais precisa aparece em Freud (1923b) como o deslocamento da energia anímica em direção à ação. Quer dizer, libido que circula até ser convertida em atos (ou em ligações intrapsíquicas e não somente em motricidade ou em percepção). Este processo é puramente interno (Freud, 1915e). O deslocamento libidinal, do qual deriva o pensar inconsciente, envolve representações segundo diferentes lógicas que somente podem expressar-se pela palavra. As lógicas que regem os critérios de deslocamento entre representações correspondem à simultaneidade e passividade, à simultaneidade ativada (contigüidade), à analogia e à causalidade, hipóteses que seguem o sugerido por Freud ("Carta 52", 1896, 1900a). é também conveniente lembrar que, para Freud, o inconsciente é heterogêneo: está constituído por representações-coisa, derivadas de vivências e por pensamentos inconscientes, que se deslocam de uma a outra destas representações segundo diferentes critérios de concatenação, até alcançarem a consciência através da mediação da palavra. Convém esclarecer que Freud (1912-13) distingue, fundamentalmente, dois processos puramente internos, duas classes de atos psíquicos: desenvolvimento do afeto e dos pensamentos. Os primeiros, que reeditam vivências, consistem em processos de desinvestimento que chegam à consciência sem necessidade de mediações. Os pensamentos inconscientes implicam deslocamentos pulsionais e, para alcançar a consciência, exigem, às vezes, processos complexos. Sua definição é similar à do desejo, como processo de investimento pulsional, e têm, portanto, um requisito: a constituição de dois espaços psíquicos, já que somente a partir de então ocorrem os deslocamentos pulsionais e se estabelecem diferentes nexos entre eles. à medida que o pré-consciente se torna mais complexo, o ego pode expressar com maior precisão as características do pensar inconsciente. Hierarquizar o conceito de pensamento junto com o de afeto, ambos atos puramente internos, implica, pois, considerar o aparato psíquico não somente como derivado das vivências, não só como um derivado do perceber com suas representações. Considerá-lo assim, somente como inscrições, é pensar o aparato como uma tábua rasa. De um modo mais fundamental, é produzido a partir de uma série de operações que o constituem, que ordenam o representar pela eficácia de certas leis, certos critérios estruturantes. O pensar inconsciente põe de manifesto a insistência da pulsão por alcançar uma qualificação sensorial que supere o mero vivenciar e seu representar consequente. O deslocamento da pulsão parece motivado por uma frustração, pela ausência de um estímulo satisfatório. Ante esta frustração, uma parte da energia transmuta-se em processos de investimento, em um afeto desprazeroso, e o resto mantém-se como processo passível de investir, e daí o deslocamento, sustentação do pensar inconsciente. Talvez desta exigência pulsional, que transcende as possibilidades oferecidas pelo vivenciar e o perceber (nos quais, no entanto, encontra às vezes seu suporte qualificador inicial), derive uma posição que em cada indivíduo ocorre ante o surgimento de uma argumentação logicamente mais complexa, que reordene antinomias prévias e supere certos opostos. Enquanto o ego põe obstáculos a partir do conhecido, desde o pensar inconsciente se dá razão à palavra ouvida ou lida. Esta razão, esta crença, é anterior a qualquer compreensão crítica e põe de manifesto a insistência da pulsão por alcançar uma qualificação cada vez mais refinada e específica via palavra. Seguindo esta linha de idéias, podemos afirmar que as diferentes lógicas que vão regendo o pensar inconsciente constituem conquistas psíquicas. Se os pensamentos inconscientes consistem em deslocamentos da libido no caminho para a ação, os juízos interpolam-se precisamente neste caminho. Assim, uma vez constituído o aparato psíquico, entre o pensar inconsciente e a ação podem entremear-se o juízo de atribuição do ego prazer purificado, o juízo de existência do ego real definitivo e, por fim, outro juízo de atribuição proveniente do superego. O juízo atributivo pode conduzir a uma afirmação de que um objeto é bom ou útil, e o processo culminaria então na decisão de incorporá-lo, de fazê-lo próprio. Esta incorporação dá-se sob a forma de um processo psíquico, a introjeção, que não exige do aparato uma mudança na estrutura, mas que engloba o objeto na já existente, o inscreve no psíquico. Já a identificação impõe uma modificação psíquica mais profunda, um maior esforço de trabalho para acomodar-se às propriedades supostas (produzidas) no objeto. A identificação surge de uma exigência interior, promovida pelo pensar inconsciente. Freud (1950/1887-1902) sustentou, no Manuscrito N, que a identificação é um "modo do pensar" correspondente ao outorgar e não um modo de apropriação superficial de um objeto. O pensar inconsciente, identificatório, cria, por uma duplicação masoquista, uma modelagem do ego ao que está colocado como objeto. Esta nova ação psíquica, a identificação, constitui um ato puramente interno, um pensamento. As diferentes lógicas que regem o pensar inconsciente constituem conquistas psíquicas diferentes segundo o momento evolutivo. Os processos de evolução da complexidade psíquica têm algo em comum: cada novo pensar surge nos interstícios lógicos do pensar prévio, devido às impossibilidades internas com que este se enreda, e o novo pensar é empurrado pela necessidade psíquica de expressão dos processos pulsionais com um maior grau de refinamento. O pensar

prévio, por sua vez, fica degradado à categoria de um mero representar. é conveniente analisar de que forma se introduz o pensar cultural no ego. Consideramos que o mesmo se introduz como um imperativo categórico, quer dizer, sob a forma de uma ordem constituinte do superego, ordem cujas razões não são explicitadas, porque é impossível que o ego as entenda. Precisamente, o imperativo categórico é o tipo de estrutura da frase contida no superego, e, logo, quando o ego consegue conquistar a compreensão das razões por que a frase foi dita, o pensar correspondente passa a estruturar o pré-consciente. Neste caso, a concordância com o superego tende a substituir a obediência cega do ego ao superego, cujo ideal tem a ilusão de realizar. Em princípio, os imperativos categóricos costumam provir dos pais ou equivalentes, mas logo são atribuídos a figuras cada vez mais distantes, desde os educadores até os autores com quem o contato se reduz ao escrito, à “palavra do ausente”. De forma tal que estudar os tipos de pensar com que opera o pré-consciente não difere excessivamente da análise da constituição dos tipos de superego. Desde o primeiro, derivado do desinvestimento pulsional correspondente à declinação do complexo de Édipo, até o ponto final (às vezes não realizado), em que os valores e ideais são meras abstrações, impossíveis de saturar ou de alcançar em uma vivência imediata. Podemos discriminar diferentes tipos de superego, logicamente sucessivos: totêmico, mítico, religioso, das cosmovisões e científico-ético. Destes derivam diferentes tipos de pré-consciente. Vejamos os pensamentos pré-conscientes desde o ponto de vista formal.

A) Pensamento totêmico

Apoiando-nos em Freud (1912-13, 1921c, 1927c, 1930a), este ideal implica conservar uma ilusão de unidade. De compreensão totalizante, de superposição do ego à suposta realidade, uma manutenção do animismo. O ideal do ego de tipo totêmico corresponde a uma representação-grupo da amplitude do clã, de um conjunto de famílias. A relação entre o totem e o grupo é espacial, o âmbito do tabu contrapõe-se ao cotidiano, que adquire sentido em outro lugar. O totem é acessível à visão dos membros do grupo, mas com proibição de contato, perdendo-se a possibilidade de oferecer-se como objeto da erogividade tátil. A temporalidade é circular, como as estações do ano. A diferença entre o ideal e cada ego individual pode ser paga através de atos mágicos (vestir-se com a pele ou plumas do animal totêmico). A desmentida do juízo que distingue entre o ideal e o ego é, praticamente, a norma. Conseqüentemente se conserva uma certa convicção da própria grandiosidade.

B) Pensamento mítico

O ideal mítico implica uma separação entre animal e humano e, além disso, distingue dois tempos: o da façanha heróica, origem do grupo, e o do cotidiano. A oposição entre ideal e o ego não é somente de tipo espacial, mas também temporal. O espaço mítico costuma superpor-se, na aparência, ao espaço do grupo que sustenta este tipo de crença, mas está distribuído com outra lógica, quanto aos investimentos de objetos e lugares, como, por exemplo, certos âmbitos em que irrompe a produção do sagrado. O tempo do mito não é o de um passado, mas o de um presente honrado e sustentado pelas gerações posteriores do grupo supostamente gerado pelo herói. Esta oposição entre duas temporalidades (o presente mítico renovado pela passagem de sucessivas gerações de indivíduos) deriva da eficácia psíquica deste tipo de lógica, que Piaget (1942) descreve como inteligência das operações concretas. O tempo do mito expressa-se lexicamente como presente épico, quer dizer, aquele que alude a um corte na sucessão, na trajetória fixada pelo destino, e perpetua esta mudança para as gerações surgidas a partir de então. Este presente épico implica um tipo de imortalidade que se sustenta graças à lembrança constante exigida do grupo. Isto significa uma menor dependência da percepção do objeto visual (vigente em relação ao totem) e sua substituição por uma imagem. A temporalidade é a da imortalidade, a qual é sustentada pela memória (pela alma) de um povo originado graças ao herói. A diferença entre o ideal e o ego é menos superável, porque os requisitos para alcançar a categoria de herói já implicam um esforço pessoal e um reconhecimento social dificilmente alcançável. Portanto, para cada indivíduo, a desmentida do juízo que distingue entre o ideal e o ego torna-se mais custosa. O suposto grupo, como conseqüência do mito, é mais amplo que o constituído pelo pensar totêmico. A representação-grupo própria do pensar mítico possui um maior grau de abrangência, reúne algo assim como um conjunto de clãs, em um vínculo de camaradagem. Na origem do grupo é colocado um líder com traços humanos, ainda que separado do restante da comunidade já não em termos espaciais, senão temporais.

C) Pensamento religioso

Aqui o ideal é a divindade, possui um caráter altamente abstrato. O grupo que lhe corresponde é a comunidade, o tempo é eterno, e a espacialidade é o infinito. O grupo reúne em seu interior os seres humanos, mas não abarca certos grupos que têm o reconhecimento empático ou por sua pele, condição social ou outros motivos. A estes se lhes nega, portanto, a carta de cidadania consistente na identificação empática. O comum a todos eles é sua falta de fidelidade, ainda que entre eles alguns possam ser resgatados para a comunidade e outros fiquem como condenados. Dentro da temporalidade espacial terrena, contraposta à divina, aparecem duas características: o caráter mortal e a limitação espacial. Uma combinação com o pensar mítico permite distribuir santuários na terra, lugares sagrados aos quais os fiéis dirigem os passos de sua peregrinação com a finalidade de expressar sua devoção religiosa. Implica uma passagem da inteligência, das operações concretas às mais abstratas e ocorre durante a puberdade.

D) Pensamento da cosmovisão

É parecido com o anterior, mas sem divindade, com a possibilidade de conflito. Este se resolve pela luta na mesma sociedade, com a possível reunião dos contrários. Entende a humanidade em sua universalidade. A representação-grupo correlativa do emprego de um ideal a partir de uma cosmovisão não difere muito da correspondente à recém-descrita, sobretudo quando a divindade é entendida em termos mais elaborados e complexos. Poderíamos dizer que a representação-grupo, a partir da cosmovisão, alcança a extensão da humanidade em sua universalidade. Talvez a diferença relativa à representação-grupo da religião consista sobretudo em que a representação correspondente à cosmovisão introduz em si mesma a possibilidade de conflito, da luta no seio da sociedade, ainda que tal conflito se resolva teleologicamente, com a visualização de uma futura reunião dos contrários. à diferença da eternidade de uma divindade, surge a intemporalidade e a espacialidade de uma idéia, inclusive daquela que se apresenta em termos dialéticos.

E) Pensamento científico-ético

A representação-grupo correspondente à colocação dos ideais científico-éticos implica considerar a humanidade em termos fragmentários, a partir das determinações sociais e econômicas. Parte do suposto de que, entre seus setores, se desenvolvem permanentemente conflitos e transações provisórias. Por outro lado, existem transações entre um tipo de pensar e o logicamente posterior, assim como regressões a um anterior. Entre as transações podemos identificar, por exemplo, os santos (correspondentes ao pensar mítico no interior do pensar religioso). Igualmente, existem histórias que expressam como um pensar logicamente mais complexo superou outro mais elementar, como ocorre nas lendas gregas em que um herói derrota, subjuga ou aniquila um monstro, que é uma mistura de animal e humano. Na história da humanidade, por outro lado, as coisas parecem ter ocorrido de outra maneira. A crescente complexidade social engendrou diferentes conflitos, em que certos grupos subjugarão violentamente outros e precisaram de certas lógicas mais refinadas para poderem pensar relações sociais mais complexas. Foram sugeridas por gênios, que extraíram da sensualidade uma lógica mais elaborada, e logo algum líder político impôs pela violência aquilo que outro propôs somente pela palavra. Há produções mistas entre ideais menos complexos e outros mais abstratos como formações transacionais. Cada tipo de pensar e de valor mais complexo não dissolve o anterior, o

menos elaborado, mas entra com ele em relações múltiplas: o inclui, de diferentes maneiras, como ocorre com as ideologias, as cosmovisões, que podem integrar em seu interior um mito ou podem entrar em contradição com ele. Igualmente, um grupo de caráter mítico pode acolher em seu interior grupos de tipo totêmico, ou ficar subsumido em representações-grupo mais amplas, com o que aludimos ao problema das relações intergrupos, sejam no ego, seja entre diferentes egos. Também encontramos histórias de como um tipo de pensar logicamente mais complexo acolheu, nos processos sociais, os menos elaborados. Por exemplo, existem lendas gregas de como um herói aniquilou um animal mítico (a Medusa, a Quimera), além da história judaica que relata como Moisés impôs as Tábuas da Lei ao povo que adorava um bezerro. Em geral podemos constatar o seguinte: o último derivado de um tipo de pensar e o primeiro pensar do seguinte tem como destino o aniquilamento, e somente ficam versões secundárias derivadas da forma original. Por exemplo, na história de Moisés, relata-se o aniquilamento não só do bezerro, mas também das primeiras Tábuas da Lei. O fato de que se gerem representações-grupo cada vez mais complexas exige o desenvolvimento de certas funções intrapsíquicas, que se referem a um operador que conduz o ego de um tipo de configuração social mais simples a outra mais elaborada. Este é o papel dos líderes, cuja eficácia social se revela sobretudo quanto à introdução do ego no grupo gerado miticamente e, mais adiante, naqueles sustentados pelo emprego de uma divindade ou uma cosmovisão como ideal. Na adolescência, o valor psíquico de um líder mostra-se particularmente relevante em relação com a constituição de uma representação-grupo mais genérica, na qual o ego do jovem tem como destino inserir-se para desenvolver vínculos de amor e trabalho. O vínculo com os outros apresenta-se primeiro como relação do ego com as representações e somente depois com pessoas do meio. Neste contexto, consideramos útil descrever mais amplamente o conceito de líderes. Este conceito dos iniciadores foi mencionado por Freud fragmentariamente em vários trabalhos (1905e, 1908e, 1910h, 1918 a, 1928b). Trata-se de representações pré-conscientes, que têm o valor de uma transação entre os desejos edípicos, do narcisismo, por um lado, e a imposição de introduzir-se em contextos extra-familiares e laborais, por outro. O líder laboral oferece uma transação entre a necessidade de trabalhar e o temor a seguir o destino do pai, com quem a criança se decepcionou ao perceber que não é o soberano. Existem, além disso líderes na linguagem compreensiva e líderes na atividade sexual. Nestes últimos, podemos distinguir entre aqueles que estão ligados com a mecânica do coito e outros que estão ligados ao gozo.

O problema da identificação

Freud afirma que, no início, somente há pulsões parciais, que são satisfeitas de forma auto-erótica, autônomas umas das outras. A operação psíquica que engendra um ego a partir deste estado de dispersão erógena é a identificação, e ocorre uma síntese das pulsões parciais, desenvolve-se uma nova “ação psíquica”. A identificação parece estar relacionada com esta ação psíquica, puramente interna e tem um valor de síntese, de articulação entre as diferentes pulsões parciais. Tal unificação erógena parece promovida pelo empurrão das necessidades, das pulsões de autoconservação e os investimentos libidinais narcisistas dos órgãos em que se registram as grandes necessidades. Tais identificações primárias interessam ao ser, ao sujeito do ego, e seu desenvolvimento implica que este ego alcance o sentimento de si. A identificação primária ocorre em um vínculo com um objeto colocado (por projeção) na posição de modelo ou ideal para o ego, o qual pretende configurar-se de acordo com aquele. Se o ego supõe alcançar este objeto, ocupa a posição de sujeito, a qual se acompanha do desenvolvimento de um sentimento de si. No modelo ou ideal, naquilo que deseja ser, o ego encontra uma promessa de sua própria configuração futura. Os traços e ensinamentos das pessoas que rodeiam uma criança se tornam eficazes na medida em que constituem suportes sensoriais que correspondem às exigências projetivas da mesma. A eficácia psíquica dos estímulos contextuais em um ego em constituição deriva de que tais estímulos se encontram com um movimento projetivo, interrogativo quanto ao próprio ser, que provém do ego. Posteriormente esses estímulos se incluem na identificação. A falta da identificação egóica com os processos pulsionais, devido à ausência do contexto que o facilite e estimulado pela cultura atual, leva a uma mistura, com indiscriminação eu-não-eu. Há uma falta nuclear de matiz afetivo. A ausência da função paterna converte-os em Self made men, com uma fuga evolutiva para adiante, com aparente empatia, precária identificação, escassos recursos para responder à tripla exigência (realidade, superego, id). Disfarçam sua fraqueza com um sobreesforço especulativo e tornam-se aditos a personagens que lhes dêem dados, números. Sustentam-se pelas forças do ter, do poder econômico, do poder político, do poder científico, mas a mercê do outro que lhes coloca em perigo a precariedade do edifício identificatório e a quem devem aplacar. A fachada de sobreadaptação, a mentira, o desenrolar de uma fachada ante outro que tenha poder, o sentimento contratransferencial de falsidade que registra o interlocutor (isto é, que não resiste a perguntas que questionem a essência de suas argumentações), o retraimento com fachada de conexão, o mutismo encoberto por um discurso sem consistência, todos eles se observam, enquanto fenômeno, como falta de vitalidade. O fato original de estar desconectado dos processos pulsionais cria um sentimento de estar desarraigado, de falta de “raízes”. Quando o ego não pode ser ativo frente a um objeto por ausência ou falha do cuidador, para não transbordar ante a pulsão, cede ao outro a posição de sujeito e ocupa a posição objeto. Assim evita ficar transbordado mediante a identificação com o sujeito projetado no outro ativo. O ego, projetando-se no outro, consegue participar da onipotência deste, desde uma posição masoquista. A posição do sujeito deriva de uma identificação primária com um modelo ideal (Freud, 1921c). Quando o ego cede à posição sujeito ativa, outro tem a identificação primária, e com isto a onipotência pode aproximar-se do ideal. A identificação com esse sujeito é uma pseudo-identificação. é ambígua, “como-se”, imitativa, protética, frágil, substitui uma identificação primária, com sentimento de não ser autêntica. Precisa sustentar-se em fundamentos espúrios, baseados no ter tão exaltados em nossa cultura globalizada.

Idéias, questionamentos e perspectivas.

O novo. Conceito e fundamentos teóricos. O que é o novo?

É uma nova compreensão, a partir da qual o psiquismo percebe algo que não via antes. (Daqui para a frente, as afirmações entre aspas e reticências, são minhas). Freud (1918b) lembra que ao homem dos lobos se apresentou uma imagem do intercurso sexual de seus pais. Emergiu, então, a antiga concepção segundo a qual o lugar do corpo da mulher que recebia o membro era o ânus... mas então sobreveio o novo... o discernimento da diferença entre os sexos. Freud, (1924b) diz que o mundo exterior governa o id por dois caminhos um dos quais é o das percepções atuais. Destas é sempre possível obter “novos”. Freud (1923b) nos lembra que, para o ego, a percepção do novo cumpre o papel que, no id, corresponde à pulsão. Freud (1914a) refere-se a uma carta recebida em 1911. A pessoa que a mandava contava-lhe que, durante muito tempo, estivera convencida de haver perdido um dedo, até que começou a contar. Esta pessoa via, mas o ver era contrário a uma convicção. Então vê-se não o que se percebe, senão o que se pensa. Vê-se algo quando este algo obtém significado a partir da vivência e adquire caráter de novo. Freud (1904e) assinala a importância do vivenciar contingente na produção do novo. Este deriva da articulação do visto, do ouvido e do vivenciado. Também o novo pode produzir-se na ausência do vivenciar, como uma fatalidade do desenvolvimento, como, por exemplo, o sentimento de culpa (1930 a), a transformação do familiar em estranho (1919h), o desaparecimento da desmentida (1927e), a coerção do prazer no jogo com as palavras (1905c), a decepção dos pais (1914f), o desaparecimento da desestimação (1918b), o surgimento de afetos como neoformações e como reproduções (1926d). O novo psíquico tem dois setores. Um é universal, primordial, instintivo – não pulsional –, disposicional, que, estimulado, se transforma em compreensão. Produz-se imperativamente e não depende da aprendizagem (1910c, 1915b, 1916-7, 1918b, 1933

a). Outro setor do novo vincula-se às aquisições culturais e ao desenvolvimento crescente dos ideais e dos tipos de pré-consciente desenvolvidos acima. A interpenetração cultural que gera a simultaneidade da globalização tem os líderes como emissários do novo cultural. Novas idéias, informações, tecnologia, ciência, arte, alimentos, vestimentas, indústrias, novas culturas empresariais e do trabalho (somente para citar alguns exemplos) são introduzidas por modernos “adiantados”. Estes, ainda que muitas vezes sejam corruptores, são esperados e aceitos, se coincidem com o momento do desenvolvimento intrapsíquico. Reitero que incluem o conceito “do novo”. Isto é, a capacidade psíquica de uma compreensão que antes a mente não tinha e que é gerada pelo incessante empurrar pulsional. A função anímica gera contradições e diferenças e logo as projeta e capta no mundo sensível. A criação “do novo” frente ao que já está dado gera, cada vez que mostra sua eficácia, um rasgão, uma catástrofe, da forma como descreve Freud em “Sobre a conquista do fogo” (1923a). é que os processos pulsionais precisam ser postergados, porque somente assim pode alcançar-se uma conquista anímica e cultural. E logo retornam como catástrofe anunciada. Finalmente o novo é projetado e para retornar desde a exterioridade. Este pensar é capital no desenvolvimento da cultura e da tramitação anímica aos processos pulsionais. Este novo pode sofrer as seguintes vicissitudes:

1. – ser aceito, como uma maior complexidade inevitável que tem a ver com o ser e conquistado para ser assimilado ao ego.
2. – pode ser rechaçado, desestimado, ficar fora do ego, exilado e não se chegar a lógicas mais complexas. Neste caso, o ser, então, tem uma falha em sua identificação primária e com isto fica fraturado; o narcisismo desmorona. Desde este vértice, as culturas locais desestimam as novas e estas as locais. Cada um, com violência, expulsa o outro. A saída seria aceitar o líder com seu pensamento, deixar-se fecundar por sua marca, que torna mais complexas as próprias estruturas. As letras conferem um nome e, com ele, a possibilidade de se chegar, mediante a identificação, à condição de sujeito. O número interfere nesta possibilidade. E o mundo globalizado, tal como é concebido até agora, sustenta os números de caráter mercenário não aptos para a identificação. As culturas que nos chegam têm um caráter especulativo. Pensam em números, obtêm ganhos e extraem diferenças à custa de novos territórios. Sublinho o dito anteriormente, que, “na história da humanidade, a crescente complexidade social, engendrou diferentes conflitos em que certos grupos subjugarão violentamente outros e precisaram de certas lógicas mais refinadas para poder pensar relações sociais de maior complexidade”. A anedota bíblica acerca de como Moisés e os seus impuseram ao povo judeu os dez mandamentos sobre a adoração do bezerro põe de manifesto que a última expressão de uma lógica e a primeira que substitui a anterior ficam igualmente aniquiladas. é possível que, nesta história bíblica, se dê a articulação entre três tipos de ideal e, conseqüentemente, entre três tipos de representações-grupo. Um deles é totêmico e relaciona-se à adoração do bezerro, o outro é religioso como o que pretendia impor Moisés. O terceiro é mítico, intermediário entre os dois, e correspondia ao investimento de um herói como líder, talvez o próprio Moisés. Sua ausência determinou a regressão de uma organização mítica para uma totêmica, e seu retorno impôs um passo à produção de um ideal religioso. Em relação com a destruição da última formação de um ideal e a primeira do seguinte, parece tratar-se de uma necessidade inerente ao vir a ser psíquico, como conseqüência da elevação de algo ou alguém desde a categoria do cotidiano até um lugar diferente como ideal. Por outro lado, nestas propostas mais complexas de pensar o social, foi necessária a produção de textos escritos, seja sob a forma de hieroglifos, seja de silabários de complexidade crescente. Hoje a maior complexidade é expressa pela nova linguagem, a computacional.

Há uma violência que faz parte da mudança, que não se pode poupar. Não diria inevitável. Mas há uma violência...

Tradução de **Maria Cristina G. de Vasconcellos**

Revisão técnica de **Viviane Sprinz Mondrzak**

José Cukier

José E. Uriburu, 1426, 9A

1114 – Buenos Aires – Argentina

Email: jose%cukier@infool.ba.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina. Presidente da Sociedade Argentina de Psicologia Médica, Psicanálise e Medicina Psicossomática, da Associação Médica Argentina.

| [Voltar ao Topo](#) |

| [Voltar ao Sumário](#) |